

UM NOVO SÉCULO DELEUZIANO¹

A NEW DELEUZIAN CENTURY

Miroslav Milovic²

In memoriam

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i1.69>

Uma vez Michel Foucault articulou a esperança de que o século 20 seria chamado o século deleuziano, mas isso não aconteceu. Nós ainda temos a esperança de que o século que vem tenha essa possibilidade. Sobre isso, saiu agora o livro Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. É um bom sinal para o século que começa. Mas por que Deleuze? Por que tantas esperanças com sua filosofia?

Deleuze acredita que já com Platão se estabelece o regime estático e hierárquico na filosofia. Não basta dizer que Platão faz a diferença entre o ser verdadeiro e a aparência, conforme afirma Deleuze na obra *Diferença e Repetição*. Dentro da aparência, Platão quer distinguir entre a boa e má aparência, a boa e a má cópia do mundo verdadeiro. As cópias ruins, os simulacros, têm que ser excluídas. Na *República*, Platão faz a diferença neste sentido entre o trabalho dos marceneiros e o dos poetas. O trabalho dos segundos é só o simulacro e eles têm que sair do estado ideal platônico. Desde o começo, a filosofia articulou a guerra contra o simulacro, contra aquilo que não representa nada.

A modernidade também continua afirmando o niilismo. Ela começa, segundo Husserl, com a crise profunda da humanidade. A vida é substituída e colonizada pela ciência, por sistemas econômicos e políticos. Hoje somos testemunhas dessa perda dos lugares doadores do sentido. A clonagem é só um exemplo de que a reprodução do ser humano é o assunto da ciência e não mais da própria vida. É possível a filosofia pensar o simulacro, a diferença? Com essa pergunta começa a filosofia de Gilles Deleuze. Uma importante afirmação da diferença acontece já na filosofia de Spinoza e Deleuze é o primeiro quem fala sobre isso. Mas a filosofia de Nietzsche é a primeira tentativa radical de confrontar-se com o niilismo da Tradição e de afirmar a vida na filosofia. A vida, que sempre ficou marginalizada pelas visões do ser verdadeiro, encontra em Nietzsche sua primeira afirmação. Deleuze vai compreender o eterno retorno nietzschiano não como o retorno do mesmo, mas como retorno da criatividade, retorno do particular, do simulacro.

Nessa vida onde não acontece nada de novo, onde a metafísica domina, agora por exemplo com a metafísica da economia, a pergunta sobre a diferença, sobre as alternativas, é decisiva. A psicanálise despertou as esperanças neste contexto, provocando as discussões sobre a produção do inconsciente. Mas ela rapidamente fechou as possibilidades do próprio projeto

1 Publicado no jornal Correio Braziliense no ano 2000.

2 Serbo-Brazilian philosopher, born in 1955 in Čačak, Serbia. He worked as a Professor of philosophy in Serbia, Turkey, Spain, Japan and Brazil. He held a position of the Associate professor at the Faculty of Law, University of Brasília. He died in 2021 in Recife, Brazil, due to the complications related to COVID-19 virus infection.



colocando no sujeito os novos elementos repressivos. Assim, a psicanálise se transformou numa específica cúmplice do capitalismo. Por causa disso, o projeto importante de Deleuze e Guattari, nos anos 60, é a crítica à psicanálise e a ruptura com o estruturalismo. Com este projeto continua a pergunta inicial sobre o individual, sobre a diferença. O sujeito não é a falta como afirma a psicanálise, juntamente com o capitalismo, no qual o sistema tenta superar as faltas com as ofertas do mercado. Neste contexto, o capitalismo só estimula os desejos, sem satisfazê-los. Como funcionaria o mercado com os desejos satisfeitos? O capitalismo segundo Deleuze está só criando as faltas, e assim está terminando, de novo, no niilismo que Nietzsche constatou. O capitalismo é antiprodução.

A crítica da psicanálise, pensada dentro de uma ampla crítica da tradição metafísica, termina, assim, numa perspectiva social. Feliz Guattari e Deleuze sempre foram marxistas. Mas este marxismo de Deleuze não pode ser confundido com o dogmatismo do comunismo, por exemplo, onde os novos planos e programas históricos negam a dinâmica do novo, a criatividade do singular. Essa dinâmica é o que Deleuze sempre quis elaborar no plano social também, o que a direita sempre negou como possibilidade e que a esquerda deformou com uma nova estática da história. Neste plano, o fluxo empírico é confrontado mais uma vez com as abstrações, com os conceitos gerais e, assim, novamente com o capitalismo.

O capitalismo começa como uma específica abstração econômica, transformando os valores de uso em valores de troca. No início era simulacro – são as palavras de Pierre Clossowski sobre o programa de Deleuze, sobre essa imanência da vida que tem que realizar-se. Deleuze disse: “Tudo o que eu escrevi era vitalista”. Ser ativo, produzir o sentido – é a tarefa articulada na sua *Lógica do Sentido*. Ele se suicidou quando sua doença avançou, quando a vida parou de funcionar como ele queria.

Neste século de tanta negação da vida, Deleuze foi a afirmação, pois nos oferecia a esperança de pensar as alternativas. É também um grande recado para o Brasil. Os novos lugares do pensamento são as zonas tropicais e não as zonas temperadas, vai dizer Deleuze no livro sobre Nietzsche. Talvez, nessas zonas tropicais, brasileiras, tenham que ser procuradas as alternativas do mundo. O futuro do Brasil não é seguir os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria muito estranho – um país tão grade fica como uma pequena nota de rodapé na história. Futuro existe só se algo novo se abre, se se afirma a diferença se se afirma a vida. Só assim, o futuro do Brasil pode ser neste caminho deleuziano que Foucault tanto esperava.